



AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

THE CONDITIONS OF PRODUCTION OF READING IN FUNDAMENTAL TEACHING

*Matheus Ferreira Gualberto dos Santos*¹

RESUMO: Este estudo tem como objetivo investigar as condições de produção de leitura de alunos do Ensino Fundamental. Identificar como se dá o processo de aquisição da leitura no lugar onde ele acontece, a sala de aula, e o que possibilita ou impede sua produção pelas crianças é o intento maior. Por meio de entrevistas e observações verificamos que a prática pedagógica do professor no trabalho com a leitura parece ser decisiva no desenvolvimento do gosto pela leitura. Nesse sentido, os cursos de formação docente e as escolas de ensino fundamental devem enfrentar o desafio de implementar programas de educação inicial e continuada que impliquem estudos e pesquisas sobre o processo de ensino e de aprendizagem no âmbito da leitura, propiciando aos futuros e atuais professores, as ajudas pedagógicas necessárias para tornar efetivo e diferenciado, em termos de qualidade e competência, o ensino da leitura.

Palavras-chaves: *Leitura; Ensino da leitura; Ensino Fundamental.*

ABSTRACT: This study aims to investigate the conditions of reading production of elementary school students. Identifying how the process of reading acquisition occurs in the place where it occurs, the classroom, and what makes or prevents children's production is the greatest attempt. Through interviews and observations we verified that the pedagogical practice of the teacher in the work with reading seems to be decisive in the development of

¹ Centro Universitário Toledo, UNITOLEDO (2018).

Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 03, n. 01, p. 158-174, jan/jun. 2018.

the taste for reading. In this sense, teacher education courses and elementary schools must face the challenge of implementing initial and continuing education programs that involve studies and research on the teaching and learning process in reading, providing future and current teachers, the pedagogical aids necessary to make effective and differentiated, in terms of quality and competence, the teaching of reading.

Keywords: Reading; Reading teaching; Elementary School.

1. INTRODUÇÃO

Sempre gostei de ouvir histórias. Fossem contadas por outras pessoas, lidas em livros ou vistas em diversas mídias, elas sempre me atraíram. Incrível como os autores conseguem criar universos únicos e peculiares, com regras específicas que regem seus mundos e personagens complexos, mas com problemas, de certa forma, relacionáveis.

Por causa disso, sempre estive perto de livros ou jogos que contassem boas histórias. Os jogos eram mais fáceis de obter, pois o único lugar onde conseguia acesso aos livros era através da escola. Durante minha adolescência, li poucos, mas bons livros. Com o tempo, pude acessar mais e mais exemplares lendo histórias incríveis. Sigo assim até hoje.

Ao mesmo tempo, percebi que muitos dos meus colegas de escola iam deixando de ler, mesmo os livros obrigatórios à sua formação. A sala de aula sempre era dividida entre os alunos que liam todos os livros, e os alunos "comuns". Buscar livros na biblioteca era, por vezes, motivo de chacota, assim como ler durante os intervalos. Mesmo hoje, no Ensino Superior, consigo dizer que poucos colegas possuem um índice de leitura regular. Carregar um livro na faculdade, sem que seja de leitura obrigatória, desperta a curiosidade e admiração de alguns, principalmente se o livro tiver muitas páginas; ler durante o intervalo das aulas parece ser um conceito estranho; e dizer que presenteio pessoas queridas com livros, faz com que algumas pessoas se espantem, achando um "absurdo" ou mesmo um "desperdício".

Observando essa situação, e conhecendo o cenário da educação no Brasil, surgiu meu interesse em pesquisar os hábitos de leitura das crianças. O mundo em que vivemos está repleto de informações, principalmente visuais, a mídia alcança a todos, sejam adultos ou crianças. A partir dessas constatações afloram várias questões que me inquietam: a exposição constante e intensa a esse material faz com que se perca o interesse na leitura convencional?

As crianças preferem esses conteúdos aos livros? Afinal, as crianças de hoje leem? O que leem e como leem?

A partir disso, decidi investigar as condições de produção de leitura dos alunos do Ensino Fundamental I, verificando se e como as crianças desse nível de ensino leem. Escolhi examinar os alunos de uma escola pública da cidade de Araçatuba/SP, no início, meio e final do ciclo (1º, 3º e 5º anos) observando a evolução dos processos de leitura que permeiam os alunos desde o início da alfabetização até o final do ensino fundamental. A pesquisa, dividida em duas partes, conta com a observação da prática do professor da sala, seguindo um roteiro de observação pré-determinado, e um questionário aplicado aos alunos, com perguntas referentes a seus hábitos de leitura. Através da análise dos dados, será determinado o grau de interesse dos alunos pelos livros, e os fatores que fomentam ou prejudicam o desenvolvimento da leitura.

2. ALGUNS ASPECTOS DA LEITURA NO BRASIL

A leitura é um hábito pouco comum entre os brasileiros. Muitos estudos e autores, como Silva (1988, p. 62), fazem esta constatação, mostrando que a leitura convencional vem sendo substituída pelo uso das tecnologias, tais como a Internet, a Televisão e, atualmente, os Smartphones. Todavia, apesar da atualidade da constatação, tal situação da leitura está longe de ser um acontecimento recente.

A história da leitura em nosso país foi construída sobre inúmeros obstáculos, tanto no que diz respeito ao aprendizado quanto ao acesso aos livros. A educação no país se inicia em 1549, com a Instituição Jesuítica, que tinha como objetivo principal a propagação da fé e o ensino religioso. Eles ensinavam os índios a ler e escrever, através de canções e teatros, visto que faltavam livros para o ensino nesse período. Esse modelo de ensino se expandiu, atingindo os colonos e criando o primeiro modelo de escola existente no Brasil, que não se restringiu apenas aos níveis iniciais de aprendizagem, dando origem inclusive a um curso superior de Letras Humanas, Filosofia e Ciências e Teologia e Ciências Sagradas, ministrado em alguns colégios do país, para alguns alunos privilegiados.

Com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, a educação entrou em declínio, dado que não havia nenhum plano de substituição dos professores. A escolarização precária e a falta de imprensa no território brasileiro impediram o avanço na formação do leitor. Além

disso, a proibição à importação de livros contribuía para agravar um cenário que já era extremamente crítico.

A inexistência da imprensa na colônia era causada pelo Alvará de 20 de março de 1720, que impedia a instalação de manufaturas, inclusive as dedicadas às ‘letras impressas’, o que retardou o desenvolvimento da imprensa por aqui, tornando muito difícil a difusão da leitura (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 122). Isso porque a disseminação da leitura ia contra os interesses da Coroa, que tinha o Brasil como uma mera fonte de riquezas naturais. O Império sabia que a leitura era o primeiro passo para a libertação da colônia, portanto a melhor forma de impedir isso era restringindo o acesso às obras literárias e ao conhecimento.

Somente em 1808, no início do Século XIX, é instalada a Imprensa Régia, trazida ao Brasil por D. João VI, com o objetivo de publicar os atos e proclamações reais, dando início às primeiras obras editadas no país. A partir daí, a produção de livros no Brasil tem seu início de modo bastante tímido, atendendo apenas a poucos privilegiados. Essa configuração iria durar até por volta de 1840 quando o Brasil “passa a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para produção de leitura e circulação de literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 18). Embora a produção de livros tivesse principiado, muitas dificuldades ainda existiam para o consumo das obras criadas nesse período, inviabilizando a formação de leitores.

A educação no país caminhava muito devagar e atingia uma parte pequena da população em idade escolar. O Império dava subsídio mínimo para as escolas, deixando a cargo das províncias a oferta do ensino; os professores recebiam pouco pelo trabalho, a falta de livros e espaços adequados para o ensino prejudicava o aprendizado dos alunos. Isso tudo contribuiu para um quadro de analfabetismo que perdurou por muitos anos, mesmo após a Independência, em 1822. Apesar da separação política da colônia com Portugal, pouco se fez quanto à escolarização. Nesta época, uma enorme carência de salas de aula em todo o país, atendia, em alguns lugares, apenas 40% das crianças em idade escolar (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 155).

Somente no início do século XX, a partir da década de 20, surgem alguns movimentos em prol da escolarização. Motivados pela política, levavam em conta o recém adquirido poder de voto dos cidadãos alfabetizados. O combate ao analfabetismo foi o combustível dos movimentos sociais da época, liderados por intelectuais, escritores e pela Liga Nacionalista.

Nesse período, a escola vai sofrendo altos e baixos, tendo de um lado os interesses em manter um sistema conservador de ensino, dedicado às elites e focado na formação básica para o trabalhador braçal e mantendo a separação das classes sociais e, de outro, a pressão dos grupos sociais em busca de ascensão. O mesmo efeito acontece com a difusão da leitura e dos livros, principalmente os didáticos, que estão atrelados à educação.

Na década seguinte, embora houvesse uma ampliação do número de escolas e dos anos de frequência obrigatórios, a educação proposta pelo governo continuava abrindo espaço apenas para o ensino profissionalizante. Os métodos adotados serviam justamente para aumentar a distância entre a população e o público privilegiado das classes altas da sociedade, uma vez que, o ensino, de cunho tecnicista, tinha apenas o objetivo de formar mão-de-obra trabalhadora. Dessa forma, a propagação do ensino não significou sua democratização, tampouco a da leitura, e a baixa qualidade cumpriu o objetivo da burguesia, mantendo o caráter elitizado da educação. A leitura, então, foi se tornando cada vez mais um privilégio exclusivo da elite, e esse aspecto da produção de leitura e de acesso aos livros pode ser percebida ainda hoje, tendo em vista os índices de letramento da população.

Os anos seguintes foram repletos de ações ineficientes do governo para melhorar a educação, sendo uma delas o MOBREAL, que mesmo com o alto investimento não atingiu seu objetivo de alfabetizar a população brasileira. Foi somente a partir da implementação da LDB, na década de 60, que a escola brasileira começou a se tornar expressiva, proporcionando acesso à educação para a maior parte da população. É nesse período também que o número de pessoas alfabetizadas nesse país, ultrapassa pela primeira vez, o número de analfabetos. Ainda assim, os danos causados pela falta de investimento em educação continuaram sendo sentidos nos anos seguintes.

A partir da década de 70, a massiva utilização do livro didático e o modelo de ensino tecnicista causaram uma busca por metodologias de ensino milagrosas e autossuficientes (SILVA, 1998, p. 45). Isso, juntamente com a desvalorização dos professores, levou a uma estagnação no ensino, que passou a prezar mais pelo uso de técnicas do que pela pesquisa científica e a leitura crítica das metodologias de ensino, o que acabou prejudicando a construção de conhecimento e a aquisição da leitura por parte dos alunos.

Nas décadas de 80 e 90, visando pôr fim à erradicação do analfabetismo, muitos movimentos de incentivo à produção de livros foram criados, barateando custos de produção. Também surgiram movimentos sobre a importância da leitura e dos livros, da conscientização

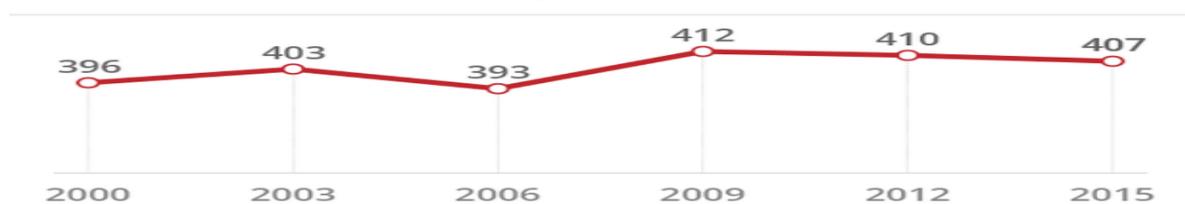
de professores quanto a isso, e de programas de compra e distribuição de livros nas escolas, como o PNLD. Todavia, apesar da ampla difusão do ensino e, conseqüentemente, do livro didático, pouco se mudou quanto às práticas de leitura da população brasileira. Mesmo com o maior investimento em educação e com o comprometimento do governo em disponibilizar livros, didáticos ou não, aos alunos de escolas públicas, a característica predominante na sociedade brasileira é a de que a população (e não somente os alunos) lê muito pouco. Isso advém do fato de que não é apenas o acesso ao livro que transforma o indivíduo em um leitor, mas sim a capacidade dos professores de fazer seus alunos, acima de tudo, gostarem de ler, além de torná-los produtores de leituras significativas, ensinando-os a refletir e "retirar do texto os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se diz" (VILLARDI, 1997, p. 37).

3. O CONTEXTO ATUAL DA LEITURA NA ESCOLA

Atualmente, o quadro da leitura nas escolas brasileiras não é muito animador. No início dos anos 2000, havia cerca de 17,6 milhões de analfabetos no país (SILVA, 2003, p. 22). O reflexo da precariedade no ensino e da falta do contato com a literatura por grande parte da população brasileira perdura até hoje. Podemos constatar tal fato a partir do Relatório PISA (2015), quando mostra os índices de leitura dos estudantes brasileiros caindo, deixando o país muito abaixo da média mundial, figurando sempre entre os últimos colocados no ranking de países avaliados, como podemos ver abaixo:

O Brasil no Pisa: leitura

Veja a evolução do desempenho dos estudantes brasileiros de 15 anos na prova da OCDE



FONTE: OCDE/Pisa 2015



Infográfico elaborado em: 05/12/2016

Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml>

Isso revela que a leitura, vem sendo mal trabalhada na escola, e que os alunos não conseguem sequer interpretar e analisar informações de forma a compreender o que o texto que lhes é apresentado diz.

Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 03, n. 01, p. 158-174, jan/jun. 2018.

Segundo algumas pesquisas, os professores, em sua maioria, têm tido dificuldades em desenvolver um trabalho competente de leitura, tornando-a um enfado e afastando cada dia mais os alunos dos livros. Villardi (1997, p. 4) atesta que, essas mesmas pesquisas apontam a diminuição do hábito da leitura entre os estudantes, afirmando que “[...] à medida que os alunos avançam na escolaridade, menor a ligação que têm com a leitura, como se os procedimentos pedagógicos adotados, ao invés de aproximar os estudantes, fossem, aos poucos, afastando-os dos livros, criando entre eles uma relação de enfado e desinteresse”.

Fica assim evidente o fracasso na formação de leitores em nosso país. Embora muitas instituições e governos se orgulhem dos "altos índices de alfabetização" e do número crescente de alunos nas escolas, a real capacidade de compreensão dos alunos não é considerada, visto que o número de leitores plenos é baixo.

Essa falha na formação dos alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental compromete, inclusive, o ensino de nível superior, pois é onde a capacidade de interpretação de texto é mais exigente, aparecendo inúmeros problemas. A dificuldade de ler textos nesse nível de ensino é apontada por Gandra (2006, p. 113), quando registra a inabilidade dos alunos nas práticas de leitura necessárias à formação profissional:

[...] observava que o aluno leitor não era capaz de abordar textos, carecendo de uma metodologia de leitura que o levasse a desvendá-los. Observava também que o aluno lia qualquer texto em termos instrucionais, como se estivesse lendo manuais, buscando respostas sempre prontas e restritas à orientação inicial de leitura sugerida pelo professor.

A formação de leitores plenos é assim uma conquista que deve ter seu início nos primeiros anos da escolaridade infantil. São nos níveis iniciais de escolarização da criança que os trabalhos de leitura e produção de textos devem ser realizados com maior atenção, para que os alunos aprendam a desvendar o sentido dos textos, analisando informações encontradas neles; também é nesse período que a leitura deve ser trabalhada como uma forma prazerosa de entretenimento.

Tendo em vista a necessidade de qualificação do ensino e da formação de leitores buscamos observar as condições de produção de leitura através das práticas de leitura desenvolvidas por professores do Ensino Fundamental. Pretendemos identificar como os alunos produzem suas leituras a partir das práticas enunciadas pelos professores verificando se essas práticas estão compatíveis com o que se espera da formação de leitores no tempo presente, neste país!

4. A PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da cidade de Araçatuba/SP, envolvendo 70 alunos e 3 professores do ensino fundamental, especificamente dos 1º, 3º e 5º anos do ensino fundamental. Ao optar por essas classes, evidenciamos a necessidade de observar a evolução dos processos de leitura no decorrer do ensino fundamental. Os dados foram coletados via observação das aulas tentando verificar em que medida a leitura se encontrava presente nos espaços da sala de aula e de que forma era efetuada. Aplicamos também um questionário aos alunos das séries envolvidas, tentando identificar as condições de produção de leitura entre eles. Levantamos dados referentes ao índice e preferências de leitura, bem como acerca do desenvolvimento da leitura no espaço escolar.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS SALAS INVESTIGADAS

A primeira sala investigada foi a do 1º ano, que conta com 24 alunos ao todo, sendo 16 meninos e 8 meninas. A professora da sala tem o hábito de ler para os alunos todos os dias, de forma descompromissada, no começo das aulas. Ela procura sempre fazer uma leitura prévia das histórias que contará aos alunos, o que, segundo ela, qualifica o processo. No momento da contação de histórias, os alunos permanecem sentados em suas carteiras individuais, enquanto a professora lê de pé, na frente da sala.

Antes de contar a história, ela fala para os alunos sobre o livro que tem nas mãos: diz o nome da história, seu autor e ilustrador, e as informações da contracapa, como resumo e biografia, quando estão presentes no livro. Enquanto ela conta a história, exige que os alunos permaneçam em silêncio. Quando eles se manifestam em um tom de voz mais alto, conversando ou rindo, ela os repreende, pedindo que façam silêncio para que continue a leitura. Ela lê a história, expressando os sons presentes no texto, mas não dramatizando-os totalmente. A cada página lida, ela mostra as gravuras do livro. Após a leitura, permite que os alunos comentem o que acharam da história, e então passa o livro entre as crianças, permitindo que elas o folheiem e leiam novamente.

Na semana em que estive nesta sala, presenciei apenas duas atividades baseadas em leitura e produção de texto. Em uma atividade, ela pediu que as crianças escrevessem as regras de uma brincadeira, que já tinham realizado anteriormente. Eles deveriam colocar o

título da brincadeira, descrever o material necessário, como se brinca e como se ganha o jogo. Ela colocou esses tópicos na lousa, para que as crianças o seguissem ao escrever, solicitando que dissessem como se desenvolvia cada uma das fases da brincadeira. Quando eles respondiam, ela reunia as informações, e então ditava, para que escrevessem da forma como haviam enunciado a questão.

Na outra atividade, ela leu um livro que continha rimas, então depois da leitura pediu que os alunos identificassem as rimas da história, enquanto lia o livro novamente. Para isso, os alunos deveriam levantar as mãos, momento em que escolhia um aluno para se expressar.

Em seguida, observei a sala do 3º ano, que é constituída de 21 alunos, sendo 10 meninas e 11 meninos. A professora da sala, assim como a do 1º ano, também lê diariamente para os alunos, normalmente pela manhã, antes de iniciarem as aulas. Ela também diz preparar com antecedência a história que contará aos alunos. Durante a contação, os alunos permanecem sentados em suas carteiras, enquanto ela lê na frente da sala.

As crianças gostam muito dos momentos de leitura feitos pela professora. Ela dramatiza a contação da história, fazendo vozes diferentes para cada personagem, seguindo o ritmo exigido pelo livro. Após a leitura de cada página, ela mostra as gravuras para os alunos. As crianças interagem bastante durante a leitura, pois a professora deixa que comentem, e que suas manifestações façam parte do momento da história.

Essas leituras pela manhã são descompromissadas, mas algumas delas são utilizadas para alguma atividade, como a apresentação de uma história lida na sala para os outros alunos da escola, em forma de teatro. Nessas ocasiões, que acontecem ao menos uma vez por mês, a professora escolhe uma das histórias que os alunos mais gostaram, eles a ensaiam para a apresentação, seguindo o roteiro do livro, caracterizando os personagens e o cenário. Os alunos gostam muito dessa atividade, pois ela envolve todos de alguma forma.

Durante as aulas são realizadas leituras diversas, sobre os conteúdos ensinados. A maioria dos textos vem dos livros didáticos, e abrangem temas e formas de apresentação diversas. Uma das atividades era baseada no gênero textual carta. Antes disso, ela explicou a função da carta, como era escrita e como chegava a seu destino. Depois da leitura os alunos fizeram atividades no próprio livro. Todos os alunos participaram da atividade, lendo o texto ou as questões. Durante a correção, liam suas respostas para a turma.

A última turma observada na pesquisa foi a do 5º ano, constituída de 25 alunos, sendo 13 meninos e 12 meninas. Os alunos eram bastante agitados quando estavam sozinhos, mas a

professora, bastante rígida, fazia com que eles ficassem em silêncio na maior parte do tempo da aula.

A professora dessa sala leu para seus alunos apenas no começo do ano letivo, por alguns meses, porém ela deixou de contar histórias, alegando que os alunos eram "muito grandes para que ela lesse para eles". No período em que fiquei na sala, não presenciei nenhum momento de leitura que não fosse de livros didáticos, com o fim de realizar atividades.

Das atividades que presenciei, duas delas me chamaram à atenção. Em uma delas, a professora pediu que os alunos fizessem um quadrinho, como produção de texto. Ela distribuiu uma folha com nove quadros pequenos, para que fizessem toda a história; deixou o tema livre, mas exigiu dois personagens pré-definidos.

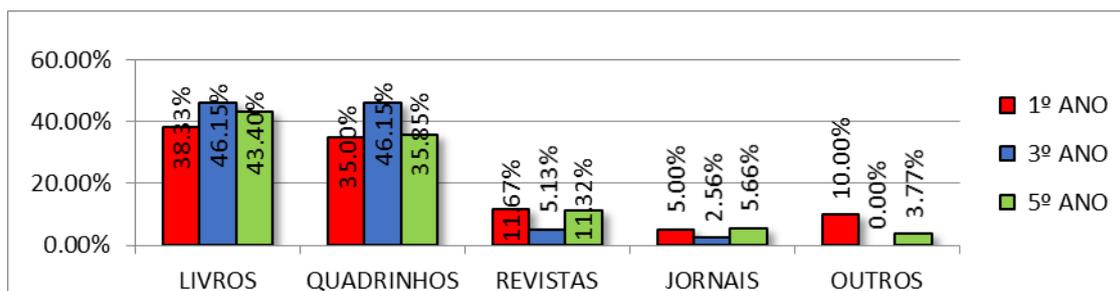
A outra atividade também era sobre quadrinhos. Eles deveriam observar uma tirinha, que não possuía texto, e depois produzir um texto que desse sentido a ela. Os alunos fizeram os textos e depois leram em voz alta, na frente da sala.

Em ambas as atividades, a professora corrigiu os textos, apontando os erros com caneta vermelha. Depois, ela reuniu as palavras incorretas que os alunos colocaram em seus textos no quadro, escrevendo a forma correta na frente. Todavia, ela não devolveu os textos aos alunos, para que soubessem quem errou o que e qual palavra errou, impedindo que refletissem e refizessem seus textos.

4.2 COMO LEEM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

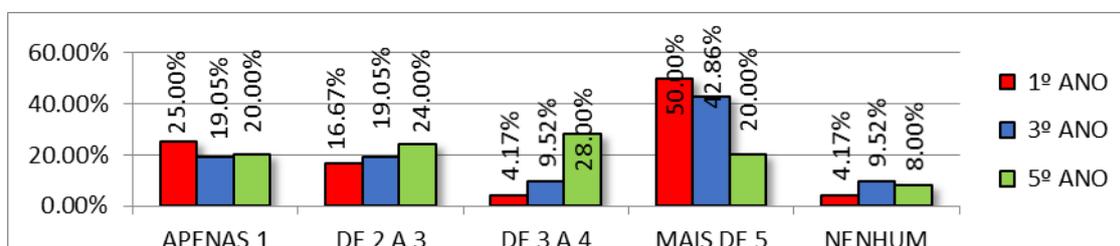
Através das pesquisas, encontramos dados interessantes sobre os hábitos de leitura dos alunos, a começar pela preferência de leitura. A maior parte dos alunos, de todas as salas, prefere ler livros, a outros materiais impressos, como apontado no gráfico 1. Também apontam os quadrinhos como um grande interesse de leitura. É interessante apontar que, no 1º ano, todos os alunos que selecionaram a opção outros, disseram gostar de ler placas de sinalização diversas, mostrando como esse material pode ser chamativo para as crianças.

Gráfico 1 – Preferência de leitura



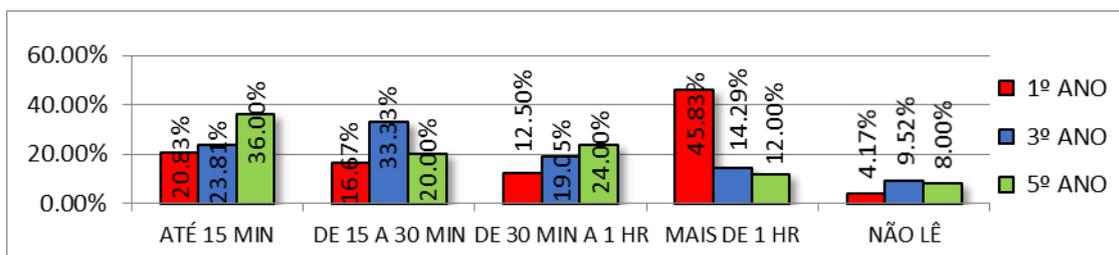
Dos alunos do 1º ano, metade da sala lê mais de 5 livros (Gráfico 2), provavelmente por causa da prática de leitura diária da professora da sala, o que promove a interação com os livros. Os alunos do 3º ano também possuem um alto índice de leitura (42,86%) na mesma categoria, que pode ter relação com os hábitos de leitura da professora da sala, que incentiva a leitura principalmente através da contação de história. O 5º ano possui o índice mais baixo nessa categoria, apresentando maior índice na leitura entre 3 e 4 livros. Nessa idade, a quantidade de leitura dos alunos deveria, ao menos, ser igual ou maior à dos anos anteriores, mas a queda neste índice pode estar ligada à falta de incentivo à leitura, causada, muito provavelmente, pelo abandono e/ou despreparo da professora da sala, frente à leitura.

Gráfico 2 - Quantidade de livros lidos por ano



Em relação ao tempo reservado para leitura em casa (Gráfico 3), pudemos perceber que a maior parte dos alunos do 1º ano lê por mais de uma hora por dia, em um índice semelhante ao analisado anteriormente, sobre a quantidade de livros lidos. Possivelmente, os mesmos alunos que leem mais de 5 livros também leem por mais de uma hora por dia. Nas outras turmas, o índice maior é entre 15 minutos por dia, ou de 15 a 30 minutos. Uma pequena parte dos alunos não realiza leituras em casa, apenas na escola.

Gráfico 3 - Tempo reservado para leitura em casa



Também perguntamos no questionário sobre a leitura feita pela professora da sala. Nas salas do 1º e 3º anos, as professoras leem, e todos os alunos afirmam gostar da leitura, por motivos diferentes (Gráfico 4 e 5, respectivamente). No 1º ano, a maioria dos alunos aponta os personagens como o principal motivo de gostarem das histórias (45,83%); já no 3º ano, é o modo como a professora conta a história que atrai a atenção da maioria deles (61,90%). Isso mostra como o modo de se contar a história influencia nos momentos de leitura. Nesse caso, especificamente, a dramatização propicia o desenvolvimento do gosto pela leitura mostrando que os recursos lúdicos, presentes nas culturas infantis, tais como a brincadeira, a fantasia, a repetição, são elementos que cativam a criança despertando seu interesse em ler.

Gráfico 4 - 1º Ano: Porquê gostam das histórias?

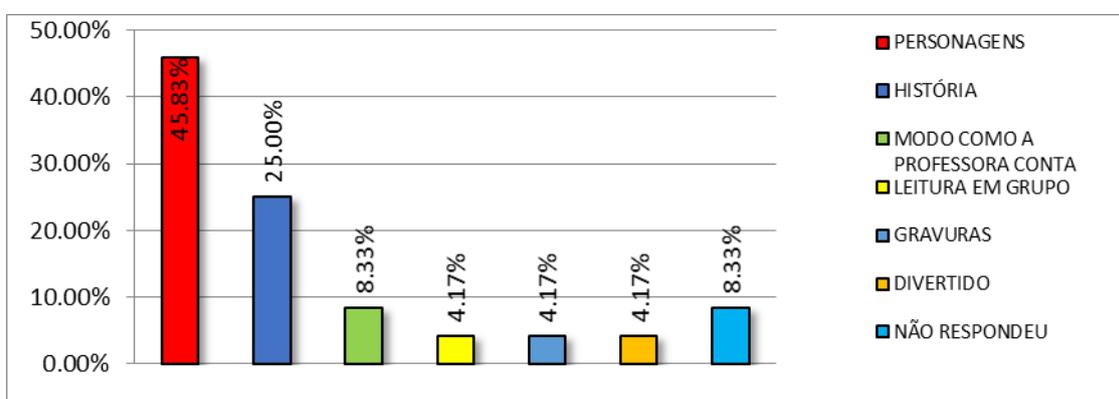
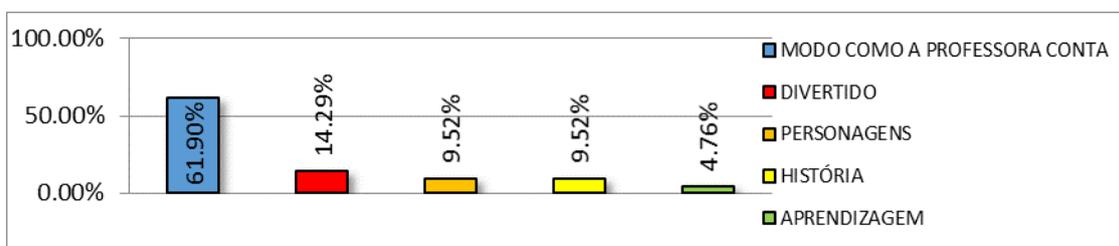


Gráfico 5 - 3º Ano: Porquê gostam das histórias?

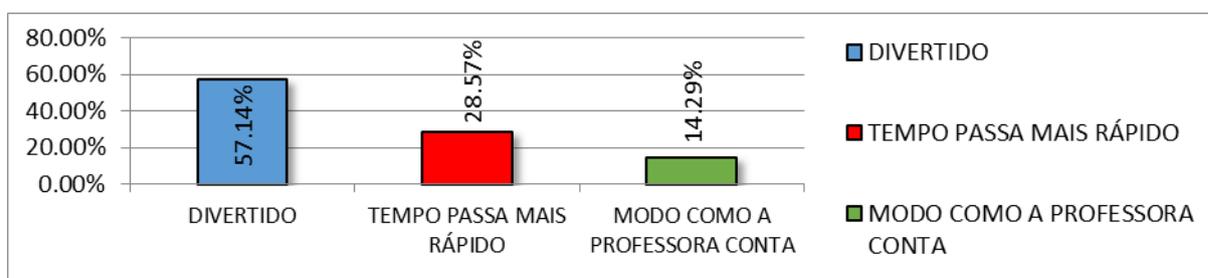


No 5º ano, porém, como já enunciado nesse texto, a professora deixou de contar histórias após os primeiros meses do curso, acreditando que seus alunos não mais se

Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 03, n. 01, p. 158-174, jan/jun. 2018.

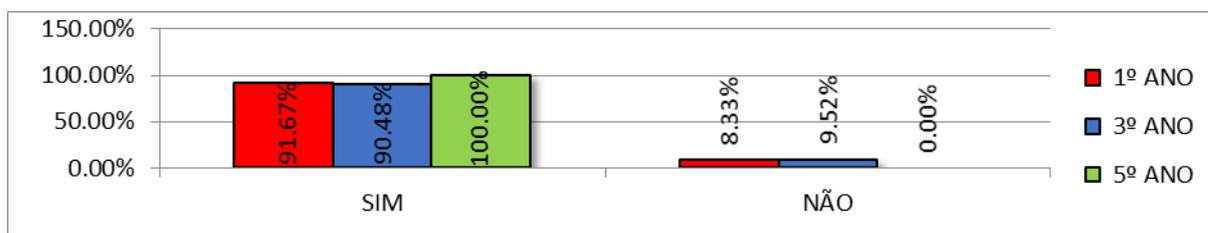
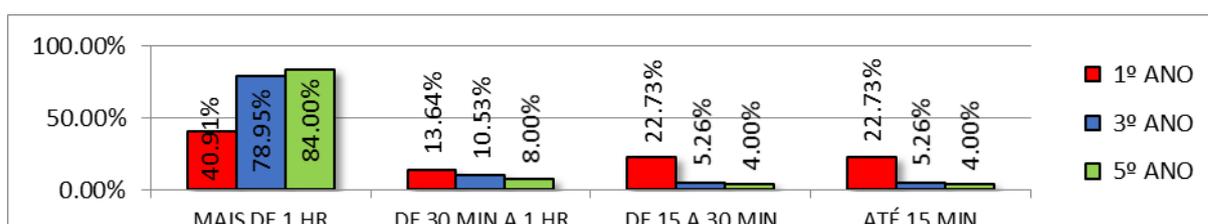
interessassem por esse tipo de estratégia. Todavia os alunos afirmaram, em sua grande maioria (80%), gostar de ouvir as histórias contadas pela professora (Gráfico 6), mostrando que contar histórias não tem idade, e que um bom “causo” agrada populações de todas as idades.

Gráfico 6 - 5º Ano: Porquê gostam das histórias?



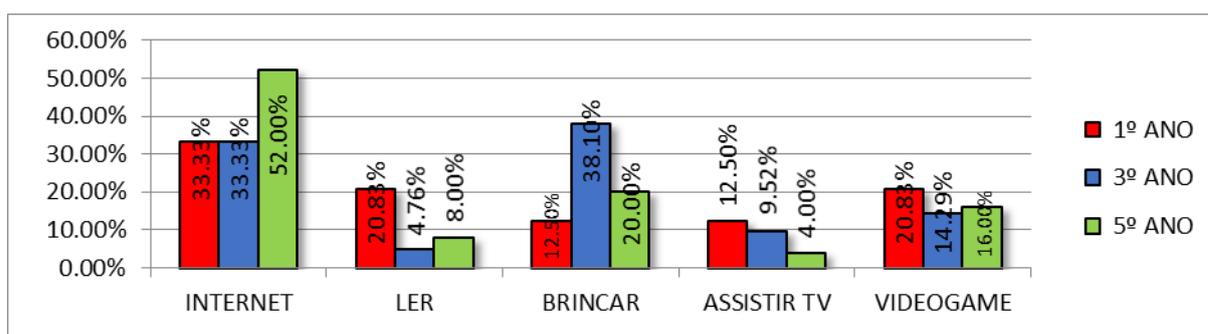
Podemos ressaltar, ainda, nesse caso, a adoção de outras estratégias de leitura conforme a faixa etária vai amadurecendo, ao invés de simplesmente abandonar a leitura. Ler livros adequados à faixa etária e propor trabalhos diversificados com ela faz parte do trabalho do professor. Quando isso não acontece, podemos inferir que o professor desconhece livros e metodologias para desenvolver o gosto e o hábito de leitura, justificando assim o decréscimo nos índices de leitura no decorrer dos anos do ensino fundamental e dos níveis subsequentes, mostrando os motivos pelos quais o Brasil ocupa um dos últimos lugares no ranking dos relatórios nacionais e internacionais que indicam nosso minguado desenvolvimento em leitura.

Para saber se a tecnologia e a exposição às mídias modernas afetam as condições de leitura dos alunos, também perguntamos sobre o acesso à Internet (Gráfico 7). No 1º ano, 91,67% dos alunos possuem acesso à Internet; no 3º ano, 90,48% dos alunos têm acesso à rede; e no 5º ano, todos os alunos possuem Internet em casa. Também perguntamos a eles quanto tempo utilizam a Internet por dia em casa, seja através de computadores, celulares ou tablets. Em todas as salas, a maioria dos alunos passa mais de uma hora navegando na Internet: desde o 1º ano, com 40,91%, chegando a 78,95% no 3º ano, e a 84% no 5º ano (Gráfico 8). Levando em consideração que a maioria das crianças tem entre 6 e 12 anos, distribuídas pelas três salas, esse se torna um dado assustador, quando comparado ao tempo em que elas leem em casa! Com relação a esse dado, observamos também que, à medida que aumenta o acesso, coincidentemente diminui o índice de leitura e nesse processo tudo indica que a ação do professor é determinante!

Gráfico 7 - Acesso à Internet**Gráfico 8 - Tempo gasto na Internet**

Para encerrar o questionário, pedimos que os alunos classificassem suas preferências de atividades, enumerando de 1 a 5, a partir da que mais gostavam (1) até a que menos gostavam (5). As opções apresentadas eram: Ler, Brincar, Assistir TV, Jogar Videogame, e Acessar a Internet. A partir daí, pudemos observar as atividades preferidas pelas crianças, e consequentemente mais realizadas.

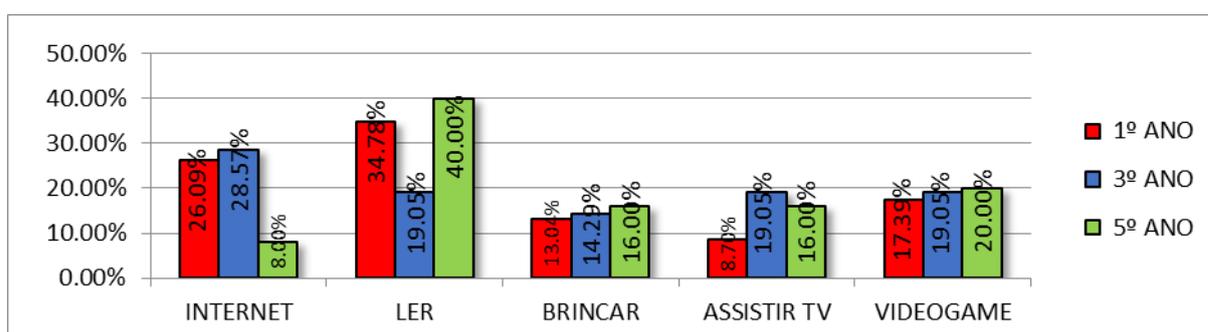
Analisando primeiramente os itens com classificação mais alta (Gráfico 9), podemos ver que a preferência das crianças do 1º ano, e principalmente das do 5º ano, é a Internet. Coincidentemente, quando perguntamos sobre o tempo gasto na Internet, a sala do 5º Ano apontou um índice altíssimo de crianças que passam mais de uma hora conectadas. A leitura, por sua vez, apresenta um índice de preferência menor entre as crianças mais velhas, sendo as do 1º ano as que a apontaram mais vezes como preferida. As brincadeiras ainda têm uma aceitação bastante grande entre as crianças, principalmente do 3º ano.

Gráfico 9 – Preferências de Atividades

Quanto às atividades classificadas como menos preferidas (Gráfico 10), a leitura aparece como a menos preferida entre as crianças dos 1º e 5º anos, enquanto a Internet é a menos preferida dos alunos do 3º ano. É interessante notar que as crianças com menos índice de rejeição à leitura são aquelas cuja professora trabalha de forma diferente com a leitura, utilizando a ludicidade durante a contação das histórias, e as que mais rejeitam a leitura pertencem à sala da professora que não lê para seus alunos. A sala do 1º ano, por sua vez, também apresenta um índice grande de rejeição, mostrando que a mera leitura do conteúdo do livro pode não ser suficiente para atrair a atenção das crianças, e torná-las leitores assíduos.

Portanto, existe a possibilidade de que o menor gosto pela leitura seja influenciado pela ausência de estratégias do professor no trabalho com leitura em sala de aula ou mesmo a falta do hábito em ler da professora como outras pesquisas apontam. Em todo caso é nítido como o professor está contribuindo para o desinteresse dos alunos pelos livros, empurrando-os às redes sociais.

Gráfico 10 – Atividades menos preferidas



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos dados coletados durante a pesquisa, e o convívio com os alunos em sala, é possível perceber que o índice de leitura das crianças está abaixo do adequado, e confirma que, no Brasil "não existe uma crise de livros, e sim, de leitores". A leitura convencional tem sido substituída, principalmente, pela Internet onde a falta de incentivo à leitura, ou o trabalho equivocado de alguns profissionais, serve apenas para aumentar as estatísticas.

Também observamos a importância das práticas dos professores em relação aos momentos de leitura na escola. A sala com a professora que não lê para os alunos apresenta um menor índice de leitura, comparada às outras; enquanto a sala cuja professora lê de forma Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 03, n. 01, p. 158-174, jan/jun. 2018.

mais lúdica consegue atrair mais a atenção de seus alunos, justamente pelo modo como trabalha a leitura, tornando a contação de história um momento muito apreciado pelos alunos.

Dessa forma, podemos dizer que os alunos leem menos do que poderiam, mas não que não gostem dos livros ou da leitura. No entanto, se não forem empregados os esforços de incentivo à leitura, sua compreensão e significação, é possível que a maioria desses alunos engrossem as estatísticas em torno do baixo índice de leitura neste país! Nesse diapasão, os cursos de formação de professores têm responsabilidade nisso!

É preciso, portanto, um trabalho constante do professor e da escola (um dos poucos lugares onde o aluno, hoje, lê!) para fomentar a leitura nos alunos, e não deixar esse hábito se esvaír dos pequenos, aumentando o número de analfabetos funcionais nesse país, que beira, hoje, quase dois terços da população.

Nenhum país pode ter um projeto de futuro tendo apenas cerca de 25% da população lendo plenamente! Embora o sistema político e econômico se beneficiem desses dados, deveras assustadores, as escolas e os professores não podem, sob hipótese alguma, contribuir para isso!

6. REFERÊNCIAS

GANDRA, Lia Mara Malinski. As práticas de leitura e do ensino da leitura em cursos superiores de formação profissional. In.:GHIRALDELO, Claudete Moreno (org.). Língua portuguesa no ensino superior: experiências e reflexões. São Carlos: Claraluz, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORENO, Ana Carolina. Brasil cai em ranking mundial de educação em ciências, leitura e matemática. G1, Educação, 06 dez. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. De olhos abertos. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Leitura & realidade brasileira. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. Criticidade e leitura: ensaios. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. Condições para fazer leitores nas escolas brasileiras: do medonho ao sem-vergonha. In.: FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (org.). Leitura: um cons/certo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.